



PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESTADO DE MINAS GERAIS



GÊNERO TEXTUAL: REPORTAGEM/INCLUSÃO

A **Reportagem** é um gênero textual não literário, considerado um texto jornalístico veiculado pelos meios de comunicação: jornais, revistas, televisão, internet, rádio, dentre outros. O repórter é a pessoa que está incumbida de apresentar a reportagem, a qual aborda temas da sociedade em geral.

Crianças aprendem seus direitos e ajudam pais

NOTA: Importância do documento deve ser ressaltada na avaliação.

Luana Moura
Colunista



CLASSIFICAÇÃO DA REPORTAGEM

A Reportagem é um tipo de texto que tem o **intuito de informar** ao mesmo tempo em que prevê criar uma opinião nos leitores, portanto, ela possui uma função social muito importante como formadora de opinião.

A Reportagem pode ser um texto expositivo, informativo, descritivo, narrativo ou opinativo.

Desse modo, ela pode tanto se aproximar da notícia quanto dos artigos opinativos, porém não deve ser confundida com eles.

Expositivo e Informativo porque ele expõe sobre um determinado assunto, com o intuito principal de informar o leitor.

Podem também ser textos descritivos e narrativos, uma vez que descrevem ações e incluem tempo, espaço e personagens.

E por fim, é um texto opinativo, ou seja, o repórter apresenta juízos de valor sobre o que está sendo discorrido.

Geralmente são textos mais longos, opinativos e assinados pelos repórteres, enquanto as notícias são textos relativamente curtos e impessoais que possuem o intuito de somente informar o leitor de um fato atual ocorrido.

Em resumo, podemos dizer que a notícia faz parte do jornalismo informativo, enquanto as reportagens fazem parte do chamado jornalismo opinativo.

Por esse motivo, a reportagem é um texto que precisa de mais tempo para ser elaborado pelo repórter, donde se desenvolve um debate sobre um tema, de modo mais abrangente que a notícia.

ESTRUTURA DA REPORTAGEM

Embora apresenta uma estrutura similar à da notícia, a reportagem é mais ampla e menos rígida na estrutura textual.

Ela pode incluir as opiniões e interpretações do autor, entrevistas e depoimentos, análises de dados e pesquisa, causas e consequências, dados estatísticos, dentre outros.



JN mostra resultados da inclusão de alunos com necessidades especiais.

Em 2003, só 29% das crianças com deficiência estavam em salas de aulas comuns. Esse número subiu para 79% em 2014.

Quase 700 mil crianças brasileiras com alguma deficiência estão hoje em escolas comuns. Isso significa que todos os alunos estudam juntos e com o mesmo currículo. A educação inclusiva é o tema de uma série especial de reportagens de Sandra Passarinho, que o Jornal Nacional apresenta a partir desta segunda-feira (23).

Numa visita a uma escola inclusiva pela primeira vez, a equipe do Jornal Nacional aprendeu logo uma lição de afeto: um abraço. Isabelle tem um jeito para dizer que a equipe é bem-vinda, e outras crianças também querem dizer: “Estamos aqui!”

O afeto é uma disciplina de apoio para transformar a escola num espaço para todos. E, num ambiente assim, os adultos ensinam algumas coisas e aprendem outras, que não estão nos livros.

“Todo mundo aqui é ímpar. Então, todo mundo tem que se adaptar a todo mundo. Esse é o nosso mundo, a nossa sociedade”, afirma Antônio Carlos Souza, professor de educação física.

“Ela não é uma pessoa diferente, ela é o mesmo que nós, só tem uma deficiência que tem muita gente no país que tem. É humano. Todo mundo é igual”, defende um colega da Isabelle.

A educação inclusiva começa em casa, quando os pais se convencem que é preciso criar os filhos para a vida, e não mantê-los isolados por que têm uma deficiência. A escola comum é um ponto de partida para a criança crescer como qualquer outra e ter possibilidade de obter ganhos em sala de aula.

Pedrinho, de 8 anos, tem uma síndrome rara. Não fala, anda com dificuldades, mas se interessa pelo que está em volta. O comportamento dele melhorou depois que a mãe batalhou pra conseguir matricular o garoto numa escola municipal na Zona Sul do Rio, há poucos meses.

“Ele está me mostrando que ele quer isso, que ele quer ir pra rua, que ele quer explorar, que ele quer ir pro mundo, digamos assim. Ele era uma criança que eu o subestimava e eu não queria muito isso pra ele, porque sabia que ia encontrar algumas dificuldades. E aí vi que a escola é importante pra ele”, conta Sheila Velloso, mãe do Pedrinho.

Sheila fez até um abaixo assinado na internet para conseguir uma escola pública que tivesse um mediador para o filho, alguém para ficar com Pedrinho na sala de aula.

Nas escolas inclusivas, os alunos com deficiência têm o mesmo currículo do resto da turma. E o mediador, ou assistente, ajuda a criança com necessidades especiais nas tarefas escolares.

Na última década, os números da inclusão se multiplicaram. Em 2003, só 29% das crianças com deficiência estavam em salas de aulas comuns. Esse número subiu para 79% em 2014. A grande maioria desses alunos estuda em escolas públicas.

E os casos de sucesso estão aparecendo. Isabelle, de 9 anos, com Síndrome de Down, já reconhece os números, faz pequenas contas, escreve e lê palavras simples.

“Acho que eles são uma caixinha de surpresas. Às vezes, você acha que não está fazendo nada e quando você olha, a criança já está fazendo coisas”, diz Soraya Sena, professora.

Andrea assiste ao desabrochar do filho numa escola municipal do Rio. Miguel, de 9 anos, é autista. Tem dificuldade de se comunicar e socializar.

“Nas duas escolas particulares que ele estudou, elas tinham uma vontade de ser inclusivas, mas elas não tinham a infraestrutura para isso, e não se propunham a ter. Eram só promessas. Miguel não conseguia ler, Miguel veio para cá e mal sabia escrever o nome dele todo e ele veio pra cá tem dois anos. Ele agora lê, escreve redação. Sabe o nome dele todo”, lamentou a mãe do Miguel, Andréa Barbosa de Oliveira.

“Todo mundo tem condição de se desenvolver integralmente, mas em medidas, as mais diferentes possíveis. Desafiar, sempre, para que essa capacidade se amplie”, afirma Maria Teresa Mantoan, professora.

Dandara está chegando lá, na escola onde as crianças aprendem que podem ser exatamente o que são e isso é motivo de festa.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional>



→OBS: Copiar as questões e responder no caderno de Português.

INTERPRETANDO A REPORTAGEM:

- 1- Qual é o assunto dessa reportagem?
- 2- Qual a proporção, quantidade de crianças brasileiras com deficiência estão hoje nas escolas comuns?
- 3- Quem realizou essa reportagem?
- 4- Explique com suas palavras a afirmação de Antônio Carlos Souza professor de Educação Física, que diz: "Todo mundo é ímpar... Então, todo mundo tem que se adaptar a todo mundo. Esse é o nosso mundo, a nossa sociedade".
- 5- Para que serve uma reportagem? E onde encontramos? Explique com suas palavras.
- 6- Isabelle 9 anos tem Síndrome de Down e recebeu a equipe do Jornal Nacional com um gesto carinhoso de bem-vindos. Que gesto foi esse?
- 7- Quais são os desafios que Miguel de 9 anos de idade alcançou na escola comum?
- 8- Qual a sua opinião sobre a reportagem?
- 9- Procure no dicionário os significados das palavras:
 - a) Deficiência=
 - b) Afeto=
 - c) Inclusiva=
 - d) Socializar=
 - e) Infraestrutura=
 - f) Desafiar=
- 10- Comente o que você aprendeu sobre **EDUCAÇÃO INCLUSIVA** nessa reportagem.
- 11- Reescreva as frases passando para o plural e faça a concordância quando necessária.
 - a) "Desafiar, sempre para que essa capacidade se amplie".
 - b) A escola comum é um ponto de partida para a criança crescer como qualquer outra e ter possibilidade de obter ganhos em sala de aula.

